

O GOVERNO anuncia que a partir de amanhã o contingente brasileiro estará pronto para seguir para o Egito. Naturalmente os nossos delegados junto às Nações Unidas comunicarão isso ao seu secretário-geral, sr. Hammarskjöld. Mas eu continuo a acreditar que o nosso batalhão não será chamado. E a esta altura penso também que isso será melhor para nós. Em uma entrevista, que infelizmente não tenho à mão, o chanceler Macedo Soares declarou que o secretário-geral da ONU manifestara especial interesse pela participação do Brasil na Força de Emergência das Nações Unidas. Não creio que essa expressão do secretário-geral tenha uma importância, para usar o mesmo adjetivo, especial. Coisa idêntica deve ter ele dito às outras nações que ofereceram suas tropas. Também acho um pouco forte falar de nosso oferecimento em enviar forças como cumprimento de um compromisso do Brasil para com as Nações Unidas. Compro-

DUVIDOSO O EMBARQUE PARA SUEZ

28.11.56

★ RUBEM BRAGA

missão mesmo só existe, na verdade, agora, depois que oferecemos a nossa participação, atendendo ao apelo feito a todos os Estados membros, com exclusão das grandes potências e daquelas diretamente envolvidas no conflito. O «compromisso» que havia antes era demasiado vago para ter esse nome. E tanto assim é que não enviamos tropa para a Coreia, onde havia guerra de verdade. Note-se que naquela emergência havia interesse por parte dos Estados Unidos em nossa participação; possivelmente menos militar que moral, mas interesse. Desta vez os Estados Unidos estão se abstendo de fazer qualquer pressão nesse sentido. A grande maioria dos países latino-americanos não ofereceu tropa alguma para o Egito, e ninguém diz que eles deixaram de cumprir algum compromisso. Não estou criticando o nosso governo pelo fato de ter oferecido nossa participação na Força de Emergência. O efeito in-

(Conclui na 11ª página)

Duvidoso o Embarque Para Suez

(Conclusão da 1ª página)

ternacional desse oferecimento só pode ter sido bom: representou a cooperação do Brasil em uma iniciativa tomada do dia para a noite com o objetivo de evitar a continuação de uma guerra que podia degenerar em guerra mundial. Mas não exageremos esse efeito: o que nós fizemos mais de 20 países também o fizeram; e de todos eles foi o Brasil o último a concretizar sua oferta, devido a necessidade de aprovação do Congresso.

A esta altura já não adianta discutir se agimos bem ou mal, pois não poderíamos voltar atrás. Também não nos cabe insistir pela nossa participação, mas somente avisar que a tropa está pronta para partir.

Pelo que vi e ouvi nas Nações Unidas até a última sexta-feira, são fracas as possibilidades de que o contingente brasileiro seja chamado agora — e mesmo mais tarde. O general Burns já declarou mais de uma vez que não necessita mais de infantaria — e a tropa que temos arrumada é de infantaria. Ora, a não ser que se resolva ampliar a Força, o normal é que nosso concurso seja dispensado. O general Burns já está tendo muitos problemas com sua pequena Força constituída de homens que falam línguas diferentes, usam diferentes tipo de armamento e têm hábitos diferentes, em alimentação e tudo o mais. Nossos 500 homens iriam agravar esses problemas.

Além disso o sr. Hammarskjöld tem sempre consultado o Egito antes de providenciar o envio de soldados de um determinado país. Embora isso não seja confessado oficialmente, o fato é que para evitar atritos Hammarskjöld tem se abtido de ordenar a partida de contingentes daqueles países a respeito dos quais o Egito faz alguma objeção. O veto egípcio ao envio da tropa canadense foi chocante. É possível, mas não é certo, que o Egito não vetasse o nome do Brasil. Caso o aceitasse, porém, é provável que condicionasse nossa participação à de algum outro país considerado mais ligado ao bloco soviético, o que viria criar novos problemas. O sr. Hammarskjöld é exatamente neste momento o homem mais ocupado do mundo — uma espécie de secretário do Mundo. Sua missão é das mais complexas e altamente responsáveis que um indivíduo já possa ter tido em qualquer época da História. Para mostrar como ele a leva a sério, eis aqui seu horário de trabalho nos primeiros dias da crise: sábado, 9 da manhã, até domingo, 6,30 da manhã; domingo, 9,30 da manhã, até segunda, 4,30 da manhã; segunda, 9 da manhã, até terça, 4 da manhã — tudo isso lidando ao mesmo tempo com a situação do Egito e a da Hun-

gría... É evidente que se a participação do Brasil sofrer qualquer objeção ou passar a ser assunto de barganha, esse homem preferirá agradecer nossa boa vontade mas adiar o assunto, talvez para sempre.

Acho isso bom. Fizemos o gesto. Se não aceitam o oferecimento, melhor. Em nossa delegação e certamente também no Itamarati, há quem pense, possivelmente com razão, que nossa participação efetiva seria útil do ponto de vista diplomático, pois nos colocaria eventualmente em posição de defender com mais prestígio e autoridade esta ou aquela medida que nos interessasse. Convenhamos, entretanto, que essa vantagem é muito relativa em face das desvantagens — a maior das quais, sem falar do susto e aflição das famílias dos pracinhas, me parece ser a despesa que iríamos ter, em um momento em que andamos tão mal de divisas. Esse dinheiro seria infinitamente mais bem empregado, ninguém discute, se nossas autoridades gastassem com bolsas de estudos para profissionais brasileiros irem se aperfeiçoar na Europa ou nos Estados Unidos. Além disso é preciso considerar que nossa presença no Egito poderia eventualmente nos trazer sérios problemas de ordem internacional, principalmente nesta emergência em que o bloco ocidental está tão dividido. Se por exemplo amanhã o governo do Egito pedisse a retirada da Força de Emergência, poderia muito bem acontecer que alguns dos países retirassem suas tropas, com ou sem autorização da ONU — o caso, possivelmente, da Índia. Ficariamos assim colocados no centro de problemas intrincadíssimos sobre os quais nossos aliados tradicionais não estão de acordo, e isso tanto poderia ser uma vantagem como uma enorme desvantagem; de qualquer modo estaríamos envolvidos muito mais diretamente em questões que só nos interessam de longe. Iríamos participar de uma Força cuja missão não está claramente traçada e é objeto das mais aceras e intrincadas discussões; e além do mais de uma Força de caráter praticamente apenas policial, incapaz de se impôr como força militar efetiva para cumprir os objetivos que a Assembléia Geral lhe indicar. Isso me parece uma objeção séria, principalmente agora que o bloco latino-americano perdeu uma boa parte de sua importância na Assembléia Geral pela entrada nas Nações Unidas de mais 19 países, 16 aceitos ao findar a décima sessão e três — Marrocos, Tunísia e Sudão — ao abrir-se a atual.

Enfim: nossos votos são no sentido de que nossos bons pracinhas fiquem por aqui mesmo, admirando o brilho da espada de ouro do bravo general Lott.

28.11.56

134